

Terras ressequidas: cotejo entre o romance brasileiro "O Quinze" e obra poética caboverniana, "Linha do Horizonte".

Maria de Fátima Muniz Duarte¹

RESUMO

O presente artigo, de natureza bibliográfica e de cunho comparativo, objetiva analisar duas obras literárias que possuem em sua senda narrativa contextos da migração atribuídos a elementos climáticos e aos problemas sociais, estes também parcialmente provocados pela seca. Tais elementos temáticos mesclam-se ao plano estético de linguagem a qual se percebe uma escrita crua, árida tanto na escritora brasileira, Rachel de Queiroz, em *O Quinze* (1930), quanto no poeta caboverdiano Agualdo Fonseca, em *Linha do Horizonte* (1951) e em textos dispersos em jornais e revistas. Entre o romance da primeira e o poema do segundo é possível perceber através do fazer literário a dor e a esperança presentes numa trajetória da busca pela sobrevivência. Embora com duas décadas de diferença entre as publicações, a temática eleita pelos escritores proporciona uma denúncia social típica do neorrealismo. O estudo comparativo neste trabalho efetua-se no sentido de estabelecer uma relação entre Brasil e Cabo Verde para apresentar o que há de ponto de contato ou de dissociação no modo da tratativa da temática. Para realizar esta pesquisa, destaca-se como esteio teórico Castro (2010), Andrade (2015) e Ferreira (2017). Com este estudo comparativo e de análise de escolhas de literatos com abordagens de problemáticas sociais como elemento fulcral do material estético, pretende-se observar como escritoras e escritores manejam espaços físicos e sociais transmutando em arte literária realidades específicas, mas que atendem a universos vários. Também há a valorização da aprendizagem literária ao articular as nuances de produtos literários e de vivência histórico-cultural entre Brasil e Cabo Verde, através das Literaturas de Expressão Portuguesa na busca da contribuição de uma leitura o entendimento de similaridades os influxos de países oriundos dos processos e consequências da colonização portuguesa.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Literatura Caboverdiana. Seca. Rachel de Queiroz. Agualdo Fonseca.

¹ Licenciada em Biologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab. Graduanda em Letras Português pela Unilab. Participou como bolsista voluntária da primeira edição (2021-22) do Projeto de Extensão, fluxo contínuo, “Coisas de Mulher”: Um viver literário para as urdiduras da escrita de autoria feminina (UNILAB/PROEX/ILL) e atualmente permanece como bolsista voluntária do Projeto Pibeac (2023) “Coisas de Mulher”: um viver literário com escritoras brasileiras e africanas”. E-mail: duartemunizmaria@gmail.com.

ABSTRACT

This present article, of a bibliographic and comparative nature, aims to analyze two literary works that have in their narrative contexts of migration attributed to climatic elements and social problems, the latter also partially caused by the drought. Such thematic elements merge with the aesthetic level of language in which a raw, arid writing is perceived both in the Brazilian writer, Rachel de Queiroz in *O Quinze* (1930) and as in the capeverdean poet, Aginaldo Fonseca in *Linha do Horizonte* (1951). Between the novel of the first and the poem of the second, it is possible to perceive through the literary work the pain and hope present in a trajectory of the search for survival. Although with two decades of difference between the publications, the theme chosen by the writers provides a social denouncement typical of neorealism. The comparative study in this work is carried out in the sense of establishing a relationship between Brazil and Cape Verde to present what is the point of contact or dissociation in the way of dealing with the theme. To carry out this research, Castro (2010), Andrade (2015) and Ferreira (2017) stand out as theoretical support. With this comparative study and analysis of literary choices with approaches to social issues as a core element of the aesthetic material, the aim is to observe how male and female writers manage physical and social spaces, transmuting specific realities into literary art, but serving different universes. There is also an appreciation of literary learning by articulating the nuances of literary products and historical-cultural experience between Brazil and capeverdean, through the Portuguese Expression Literatures in the search for the contribution of a reading the understanding of similarities the influxes of countries arising from the processes and consequences of portuguese colonization.

Keywords: Comparative Literature. Capeverdean Literature. Drought. Rachel de Queiroz. Aginaldo Fonseca.

1 INTRODUÇÃO

Os problemas sociais acarretados por situações consideradas naturais, como a seca, e dificultados por ausências de políticas públicas ou ainda de interesses vários de alas econômicas e governamentais para a manutenção de tal estado, ocasionam uma corrente migratória dos desfavorecidos que necessitam abandonar suas geografias sociais e afetivas para um sem-número de trajetórias em períodos quase cíclicos. Fato que ocorre em países distintos, alguns tratados, por exemplo, neste artigo, no qual podemos observar as perspectivas de tais realidades nas incursões de escritoras e escritores inseridos em dadas realidades, que buscam explorá-las em temáticas de seu próprio fazer literário.

Para tanto, foram escolhidas duas obras literárias para cotejo, dentro das configurações de estudos comparados: a obra da escritora brasileira Rachel de Queiroz, *O Quinze* (1930), e o livro de poemas do escritor caboverdiano Aguinaldo Fonseca, em *Linha do horizonte* (1951). Ambas revelam e desvelam apropriando-se de configurações fictícias de narradores e eu-líricos mergulhados em situações de descaso pela ausência de políticas públicas que atendam às necessidades da situação de vulnerabilidade vivenciada no período de seca.

Mediante o exposto, a partir das configurações apontadas acima, podemos encontrar nas referidas obras a expressão de uma narrativa descritiva, a denúncia social, ancoradas nos processos das décadas de 30 e 40 do século XX em indicativos do que ficou conhecido como Neorrealismo e que se pode também detectar nas histórias literárias de Brasil e Cabo Verde. O referido movimento literário abarca a situação peculiar histórico-política de uma dimensão que se arvorava em alguns países linhas fascistas e ditatoriais, como o salazarismo em Portugal e a ditadura varguista no Brasil. A questão central é observar como tal denúncia é circunscrita em cada obra em análise, apresentando as possíveis diferenças e semelhanças na tratativa da temática destes países oriundos dos processos e consequências da colonização portuguesa.

Pretende-se, portanto, com esse estudo, um contributo de áreas sócio-históricas e literárias e, para o entendimento do ato dos escritores em análise privilegiarem temas sociais, torna-se essencial a menção, mediante pesquisa bibliográfica, de aspectos geográficos e climáticos de Brasil e Cabo Verde, bem como sobre fatos históricos da época demonstrados nas obras. Com isto, observar nas escritas de Rachel de Queiroz e de Aguinaldo Fonseca

motivações das escolhas deles de uma abordagem no trato estético de uma supra-realidade relacionada à realidade palpável e verificadamente sub-humana. Não perdendo de vista que a literatura é também produto de um contexto, de uma realizada, não algo alienígena desses processos.

Debruçar-se sobre a situação histórica apresentada na arte literária cujos os autores apontam questões políticas, sociais transcorridas numa situação de dificuldade econômica de ambos os países de origem das obras em estudo constitui-se, como informado anteriormente, necessário para pensar contextos de compreensão das noções do neorrealismo e seu aparato de denúncias. Denúncias essas que, por exemplo, em alguns países africanos de Língua Portuguesa, constituíram pautas de movimentos como a negritude e o panafricanismo, isto porque “os movimentos da negritude e do panafricanismo propuseram um ideário político-cultural que ensejou uma imensa produção literária nas Américas” (FERREIRA, 2011, p.1).

Essa imensa produção literária ao qual Murilo Ferreira (2011) aborda em seu artigo sobre a obra do poeta africano Francisco José Tenreiro possibilita um cotejo com o escritor estudado neste trabalho: ambos, Aguinaldo Fonseca e Tenreiro inserem em seus constructos textuais uma expressão de identidade, liberdade, amor à terra, descaso político, temas diaspóricos, entre outras temáticas, revelando uma autorreferencialidade e uma assunção de registros sobre os incômodos antes silenciados pelos processos cerceadores da dominância colonizadora. Assim, “O negro, outrora calado, fala, expressa e age pela voz do sujeito poético. A disputa pela palavra justa faz da poesia, neste instante, um punhal afiado.” (FERREIRA, 2011, p.3).

No caso específico de Aguinaldo Fonseca, à sua fala será incorporada o território nativo com as particularidades de dor e de afeto, a síndrome do ilhéu que precisa partir pela necessidade de sobrevivência que, assim como Tenreiro, indica um trajeto identitário, tal como assinalado no estudo de Simone Caputo, em referência aos poetas de Cabo Verde, citando explicitamente Aguinaldo Fonseca². Assim, da obra extrai-se alguns traços autobiográficos desse homem poeta que parte, mas se sente *partido* com o abandono inevitável de seu sítio natural.

² Cf. CAPUTO, Simone Gomes. “A poesia de Cabo Verde”. In: **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**, Cotia; São Paulo: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008, Cap. 6, p. 133

Rachel de Queiroz, numa narrativa ficcional inserida em uma linhagem literária sobre tema da seca, antecedendo seu coetâneo Graciliano Ramos³ nesse quesito, exprime sua preocupação social através da caracterização dos personagens, mencionando a realidade através do entorno do entendimento da mente deles. Segundo Andrade (2017, p. 9), “Rachel de Queiroz dá ênfase às contrariedades sociais e aos descasos dos poderes políticos que pouco se mobilizou no enfrentamento dos danos provocados pela estiagem”. Sendo assim, a autora exprime em seus escritos esse descaso vivenciado pela seca de 1915.

Por sua vez, Aguinaldo Fonseca, no livro *Linha do Horizonte*, expressa os sonhos, a esperança assim como o sentimento de desespero, opressão e a revolta por algo que poderia ter sido feito à população necessitada e não foi. Inclusive, em seu poema denominado “Estiagem”⁴ ali publicado demonstra a tônica dessa preocupação e que seria linha diretriz dele e de muitos outros escritores caboverdianos:

Num cenário de luta pela sobrevivência, muitos caminhos são percorridos diante da esperança e do desespero, diante da luta, dos sonhos e de um silêncio doloroso, um pelo insulamento de um país com condições de secas; outro com as mesmas condições, mas sem as cercanias de águas, sejam elas doces ou de mares como no sertão nordestino.

Para explanar tais questões, acima levantadas, este trabalho está estruturado em três partes da seguinte maneira: a primeira, com o tema, sobre os autores e também a temática social abordada nas obras em análise. A segunda parte absorve as discussões do esteio teórico sobre questões estéticas, de paisagem geográfica, clima do nordeste brasileiro e de Cabo Verde, tudo isso articulado às obras em análise; e a terceira e última parte: a expressividade literária de Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca sobre a problemática social no papel de reconhecimento identitário.

2 DE BARCO OU A PÉ, A SECA E O EXÔDO EM OBRAS DO ILHÉU CABOVERDIANO E DO NORDESTE BRASILEIRO

Rachel de Queiroz, nascida no Estado do Ceará, em Fortaleza, em 17 de novembro de 1910, conheceria de perto o drama vivenciado pelo seu Estado no que tange às questões

³ O escritor alagoano Graciliano Ramos publicou **Vidas Secas** alguns anos depois, em 1938.

⁴ Este poema foi publicado em Maio de 1958, na revista *Claridade*, n. 8., p. 30.

climáticas. Faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 4 de novembro de 2003. Estreou em 1927, com o pseudônimo de Rita de Queirós, publicando trabalho no jornal *O Ceará*, de que se tornou afinal redatora efetiva. Em fins de 1930, publicou o romance *O Quinze*, que teve inesperada e funda repercussão no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com vinte anos apenas, projetava-se na vida literária do país, agitando a bandeira do romance de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca.⁵ A família dela faz parte de um reduto literário e de elite nordestina, no qual o sobrenome Alencar se alinha ao autor de *Iracema*, José de Alencar; e os Queiroz, da linhagem paterna, advém dos rincões das terras ressequidas como Quixadá e Beberibe.⁶

Na obra *O Quinze*, a escritora estabelece um conflito entre o espaço natural do ambiente nordestino em que se passa a narrativa e o ser humano como vítima cruel do descaso. Nas entrelinhas de sua obra, Rachel de Queiroz demonstra adjetivos contraditórios como a positividade das nuances de esperança que perfila o homem que vive os dramas da seca com a tristeza pelo aspecto de abandono político e humano das regiões atingidas pela estiagem recorrente e cíclica.

A presença de quadros narrativos de histórias dos personagens que transitam na obra acima referida corrobora com o informado no parágrafo anterior. O personagem Chico Bento, por exemplo, típico vaqueiro nordestino que no período da seca esteve junto à sua família na situação de migração para ir em busca de uma situação melhor de vida e mesmo diante de toda dificuldade carregava consigo os sonhos e a esperança:

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa se aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrou na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (QUEIROZ, 2008, p.36).

A recorrente denominação nos compêndios históricos – “A Grande Seca” – de 1915, vivenciada pela própria escritora Rachel de Queiroz ainda em seu período de infância⁷, é

⁵ Academia Brasileira de Letras (ABL). Biografia. Disponível em: Site <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 11 dez. 2022.

⁶ Fonte: Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001) /Nelly Novaes Coelho.

⁷ Cf. Elvira BEZERRA, em informações paratextuais do livro *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930).

recuperada em tons que paradoxalmente revelam, no elo das inserções de diálogos e pensamentos dos personagens, a delicadeza diante dos temas de precariedade absoluta com uma escrita que, apesar de considerada como a terra ressequida, árida, apresenta veios de sensibilidade poética.

Entre a fé e o desespero, o real e o ilusório, *O Quinze* se configura em intensificar as características de alguns personagens, dentre eles o vaqueiro Chico Bento, figura típica do nordeste brasileiro, representada como pessoa aguerrida e de coragem que na trama, luta sem cessar pela sua sobrevivência e da própria família diante de uma situação de real desprezo e descuidado com a população carente da época. Em um pequeno trecho, retirado da obra no momento em que a família já se encontra numa situação de retirantes em busca de uma vida propícia, se deparam com várias situações para matar a terrível fome. Levados pela preocupação da ausência de alimentos, o sentimento da insegurança dá espaço ao medo, entretanto aquele tom da delicada esperança ressaltada anteriormente indica que aquele núcleo precisaria transitar para obter algo digno para saciar a fome, um drama da migração nordestina, o drama do ilhéu caboverdiano.

Na narrativa de Rachel de Queiroz é possível perceber um tanto da situação acima explanada:

“Cordulina assustou-se:

-Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:

-Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não haverá de deixar esses desgraçados roerem osso podre...”
(QUEIROZ, 2018, p. 50).

O dado na narrativa anterior é que o personagem Chico Bento e sua família se encontram com outros retirantes pelo caminho, algo recorrente no período de forte estiagem na região, reveladores do êxodo constante para os espaços possibilitadores de um viver melhor e da afabilidade contraditória em terreno inóspito, tal como transparecem nas ações da vã esperança da família de Chico Bento e Cordolina, em *O Quinze*, ou no vaqueiro Fabiano, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, ou ainda no ilhéu caboverdiano com sua *morabeza* nas leituras de si e de sua gente apesar dos chamados pesares da seca.

Aguinaldo Fonseca, por sua vez, em um de seus poemas já traz no título – “Pela estrada longa da minha esperança” – uma possibilidade positivada, mesmo que seja a longo prazo: *Vou de mãos vazias, vou de lábios secos./ Pela estrada longa da minha esperança/*

Vou colhendo tudo e vou deixando tudo. (...)/ Olham para mim/ E gritam com sarcasmo: - Por que vais marchando, por que vais sorrindo?/ Que mistério é esse que te acena ao longe? (FONSECA, 1951, p. 76-77). A tal esperança às vezes vem assinalada em gestos de doação. Para evitar, por exemplo, o consumo de uma carne podre pelos outros retirantes encontrados no caminho, como mencionado anteriormente, o vaqueiro da narrativa de *O Quinze* sugere que a mesma seja jogada para os urubus, e mesmo tendo tão pouco se propõe a dividir o pouco que tem, ressaltando que não permitirá que roam “osso podre”.

Assim, a partilha considerada o espírito comunitário e solidário de quem vive a mesma situação do drama da terra ressequida aparece no romance para assinalar que, mesmo diante de tanta pobreza e miséria, as vítimas da seca dividiam o pão, porque a partilha e o saciar a fome de um igual são, no presente, maior do que o medo de não ter o que comer no dia seguinte. Isso marca um tom denunciatório e que incomoda as estirpes políticas à época.

Na biografia da escritora, por exemplo, ela será presa no final da década de 30 pela ditadura, acusada de ser comunista. Rachel de Queiroz, de fato, realiza um olhar acusatório da inércia e explorações do governo quanto ao assunto, explicitando não somente o sofrimento apontado pelas vítimas da seca, mas sobretudo o descuido político das autoridades, as negativas à população já exaurida de condições mínimas de sobrevivência. Tal como o soldado amarelo junto a Fabiano que o castigou na cadeia da cidade porque este simplesmente reclamara junto ao responsável pelo salário o soldo a menos que Sinhá Vitória, sua esposa, apontou como o que ele deveria receber de direito.

Tempos depois desse episódio, Fabiano encontra perto da fazenda a autoridade da lei em um terreno diferente de sua autoridade, ou seja, nesse momento de vulnerabilidade. Ao pensar em se vingar daquele que o humilhara na cadeia, repentinamente volta-se ao estado natural, ou seja, o respeito à ordem, e baixa a guarda pensando: “governo é governo”. Entretanto, no alinhavo desse gesto de não-vingança, Graciliano Ramos insere a ironia da não confiabilidade naquele Estado. O “soldado amarelo”, ao perceber que Fabiano nada faria, recuperou a confiança, se aprumou e seguiu sorridente a estrada.

O que faz lembrar que, em *O Quinze*, Queiroz já cria atmosfera de um governo nefasto e despreocupado com o povo, embora contraditoriamente no futuro, décadas depois, a escritora se alie e colabore diretamente com um momento político recrudescente, tal como a

liga ao do governo de Castelo Branco⁸. Mas lá na década de 1930, ela escrevia pelas bocas de seus personagens: “(...) *Desgraçados...! Quando acaba dizem que o governo ajuda os pobres...Não ajuda nem a morrer.*” (QUEIROZ, 2008, p. 40)

A supra-realidade de um mundo literário mescla-se ao trânsito da realidade da seca nefasta do sertão nordestino. A não preocupação das autoridades responsáveis resultou em consequências como a fome, a inconformidade de perder o pouco que se tinha, como a moradia. Com Chico Bento não foi diferente, ao buscar ajuda e não obter o mesmo é tomado pela desesperança. Observa-se que a obra exprime esta situação na seguinte passagem:

“Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

- Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar já estão cedida. Por que não vai por terra?

-Mas meu senhor, veja que ir por terra com esse, magote de menino, é uma morte! ...

O homem sacudiu os ombros:

-Que morte! Agora é que retirantes tem este luxo. No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que passagens não pode ser. Chico Bento foi saindo.” (QUEIROZ, 2008, p.39-40).

Para além do Atlântico, ressaltando a literatura caboverdiana, seguindo a linha diretriz desse trabalho sobre a terra ressequida como produto estético e ideológico, o outro escritor em análise no presente estudo, já aqui mencionado, Aguinaldo (Brito da) Fonseca, que nasceu em 1922, em São Vicente, Mindelo, Cabo Verde, mas viveu na cidade da Praia (Santiago), onde “sentiu pulsar mais forte o coração de África”, como registrado em seu único livro publicado, em 1951. Tal assertiva talvez pelo fato de o logradouro onde nascera não ter em sua população o sentimento e a tez característica de Praia e do próprio poeta. Este faleceu em Lisboa em 2014.⁹ Fez parte da geração do Suplemento Cultural de Cabo Verde e colaborou em revistas como *Claridade* e *Mensagem*.

Como alguns africanos que aproveitavam a inserção em igrejas, comum à época como possibilidade de migrar para espaços possibilitadores de crescimento intelectual e financeiro, Aguinaldo Fonseca parte para Lisboa na década de 40 já como pastor nazareno (Adventista do 7o. Dia) e depois, já dissociado, passa a funcionário da Previdência social. Participou da Casa dos Estudantes do Império, onde estabeleceu amizade com Amílcar Cabral que insistiu na

⁸ Rachel e o golpe. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/rachel-e-o-golpe>. Acesso em 20 jan 2023

⁹ Fonte de informação: *Linha do Horizonte* de Aguinaldo Fonseca Lisboa.

publicação de seus poemas em livro. Inclusive o próprio Amílcar Cabral datilografou os poemas para convencer o poeta a publicar *Linha do Horizonte*.¹⁰

No conjunto dos textos expostos na obra *Linha do Horizonte*, nota-se que autor também usa a arte literária para realizar denúncias sociais com foco em África e nas dores de seu povo. O êxodo continua cá e além mar. Aguinaldo Fonseca faz da escrita elemento verificável de temas indicadores de tais problemáticas, privilegiando temas que permeiam as dores de seu povo e a possibilidade de esperança e de mudança de cenário de exploração e tristeza, na recuperação identitária da caboverdianidade. Tal elemento, pode-se perceber num trecho do poema “Identidade”, que sinaliza histórias desconhecidas, o destino cruel de ser o que não desejava, o desconhecimento de si, mas também o ressurgir da esperança ressignificando o anseio de um novo amanhã:

“Cada poema que escrevo
É uma fuga para além de mim.
Cada palavra que sinto e depois digo
É um quebrar de algema e uma voar distante.

Chora em uma saudade daqui que não fui,
Chora em mim a alegria daqui que serei...

Contam de mim histórias más e boas,
Apontam-se na rua quando passo.
É aquele, foi aquele que ai vai...

Só eu me desconheço,
Só eu não vejo em mim aquilo que os outros veem...
E estrago peça, a peça o que já fui,
Pra desvendar quem eu sou.

Porque contam de mim histórias que eu não sei?
Porque me hão de apontar na rua, quando passo?

Eu vivo da esperança
Do dia que há de nascer,
Dos caminhos por pisar
E das praias, dos mastros e do mar largo...

Ergo a cabeça aos astros com orgulho
E bato com a mão no peito a desafiar o mundo:
-Fui fadado na nascerença pra ser
Aquilo que não sou.”
(FONSECA,2014, p. 12-13).

¹⁰ Cf. informes sobre o poeta em Michel Laban e Monalisa Ferreira, registrados na referência.

Não há explicitamente menção ao negro, mas à diáspora desse povo e à negritude como artifícios artísticos reveladores de sentimento de insatisfação e ao mesmo tempo de fortaleza para ter coragem de enfrentar o mundo. É possível perceber a indagação ou até mesmo indignação da própria história que não se tem conhecimento, e é entregue aos outros. Ao finalizar o poema as palavras arremetem nesse processo de negritude, de autorreferência e de desvios de caminhos antes marcados como impossíveis para pessoas de determinadas realidades, vivências impostas contra a vontade, uma marca até mesmo do colonialismo, mas diante desta situação o poema fala de esperança por onde se for percorrer.

Enfatiza-se que tanto Rachel de Queiroz como Aguinaldo Fonseca ressaltam, respectivamente, a primeira através dos personagens e o segundo na voz poética a existência do ser por uma razão forte de manter a esperança viva, como uma espécie de combustível para delinear seus objetivos alcançados mesmo diante de tantos empecilhos impostos pela vida, mas sem deixar invisível as forças cerceadoras e problemáticas dos descasos. A força e a coragem também são pontos que fazem parte dessas escritas que exprimem a consolidação com o real e o imaginário, trazendo as marcas da busca positiva das vivências por uma outra versão da vida que lhe foi usurpada.

3 A GEOGRAFIA E O CLIMA DO NORDESTE BRASILEIRO E DE CABO VERDE DIALOGANDO COM AS OBRAS EM ANÁLISE

A região Nordeste no Brasil caracterizada pelo clima semiárido, um clima quente e seco, apresenta períodos de escassez de chuvas. Como se pode conferir essa caracterização de forma mais completa no trecho a seguir:

A região Nordeste do Brasil, com aproximadamente 121.911.200 hectares, compreende um espaço com uma área em torno de 60.246.021 hectares denominada de polígono das secas, onde a irregularidade das chuvas e as temperaturas relativamente elevadas são características climáticas que afetam partes de oito estados, do Piauí a Bahia, e um estado da Região Sudeste que é Minas Gerais. A natureza dos fatores físicos explica o ambiente que caracteriza a paisagem semiárida, onde os solos rasos e pedregosos coberto por vegetação de caatinga desafiam o homem, que faz uso destes recursos para sobrevivência, resistindo ao retorno das grandes estiagens. (RAMALHO, 2013, p. 104).

A cidade de Quixadá, localizada no Ceará, característica do clima semiárido do sertão do nordeste brasileiro, foi o cenário por onde se passou a narrativa do romance *O Quinze*. Entretanto, como assinalado anteriormente, no influxo de trânsito, podemos dizer que aquela cidade pode ser o ponto de partida para os deslocamentos das pessoas que eram obrigadas a partir. A seca de 1915 causada pelo período de estiagem causou a situação em que as famílias abandonassem suas moradias e sua rotina para se tornarem retirantes em busca de melhoria de vida em outras cidades. Sobre isto, comenta Castro: “O infortúnio provocado pelas crises climáticas é apontado como multiplicador dessas desgraças, enquadrando os que migram por conta da seca como frutos da degeneração física e moral”. (CASTRO, 2010, p.97).

Constata-se que na narrativa de Rachel de Queiroz há uma narrativa descritiva da região mencionada acompanhada da abordagem sobre a problemática da seca configurada na situação da existência da fé, na crença de que uma dia tudo poderia melhorar com a chegada da chuva, como é possível conferir numa passagem do romance a seguir:

“- E nem chove hein, Mãe Inácia? Já chegou o fim do mês...

Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril.

(...)Sacudido pela estrada, larga do quartau, seguiu rápido, o peito entreaberto na blusa todo vermelho e tostado do sol, que lá no céu, sozinho, rutilante, espalhava sobre a terra cinzenta e seca uma luz que era quase como fogo.”

(QUEIROZ, 2008, p.21-22).

O clima de Cabo Verde assemelhando-se em partes ao clima do Nordeste brasileiro citado anteriormente, é um clima que permite a perda da capacidade produtiva do solo, o que resulta no prejuízo aos agricultores, como é possível identificar alguns adjetivos deste clima no seguinte trecho:

O arquipélago de Cabo Verde localiza-se fora da zona de deserto climático do hemisfério Norte, embora a observação de muitas das suas paisagens mostre que se está numa área muito vulnerável aos processos de desertificação. O eventual agravamento destes processos irá afetar áreas, que poderão juntar-se às paisagens do deserto climático. A ação antrópica pode assumir um papel muito importante na paisagem e na dinâmica de vertentes. O Homem deverá ter em consideração a fragilidade dos ecossistemas secos de forma a não desencadear uma crescente improdutividade do solo, dado que a desertificação é um problema grave, por vezes, de difícil solução. Geralmente, os ecossistemas secos suavizam consideravelmente a pulsação pluviométrica que sobre eles incide. No entanto, a ocupação e uso do solo

que não tenha em consideração a particularidade dos ecossistemas secos, muito vulneráveis, poderá desencadear um processo de crescente improdutividade dos solos que poderá culminar no processo de desertificação. (MARTINS, REBELO, 2015, p. 70).

Nos versos do “Poema Vazio”, Aguinaldo Fonseca categoriza a característica da terra como algo que se apresenta em chama, aludindo ao clima daquele espaço e demonstrando uma relação à presença do vazio do Sol diante das terras escaudadas:

“Mãe, que te fostes a enterrar,
O sol aberto da nossa terra
Pões um vazio infinito no meu coração,
Meu coração cheio de coisas vazias
(Porque as coisas vazias também enchem os lugares).
Ah! Mãe, o vazio do Sol
Pondo esgares de dor na terra chamuscada!

(...) A noite a lua vem
E põe branduras de veludo na terra escaudada
E espreita pelas frestas das portas destroncadas,
Deixando sonhos a pairar
Sobre as camas das crianças –grandes da nossa terra.
(FONSECA, 2014, p. 71-72)."

Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca apresentam questões através do que a natureza propõe: a chegada da seca e a diáspora consolidada pela real situação. Divulgam com expressividade o desprezo da ação política sobre aqueles que precisavam de assistência e as consequências psicológicas e morais que sobrecarregam em parte da sociedade quem foi vítima desta situação de calamidade. Na seca de 1915, no Nordeste brasileiro, os retirantes iam em busca dos grandes centros, procurando sustento para a família, através de trabalho nas construções das obras contra a seca, como ressalta Castro (2012) sobre a exploração diante da situação de calamidade:

Concluindo o trajeto, muitos que iam em direção aos grandes centros, encontravam-nos “desaparelhados para tais contingências”. Sem “acomodações”, sem alimento, e muito menos “sem trabalho”. As cidades tornavam-se “teatros de miséria”, abrigavam-se em massa numa promiscuidade”. Ali não faltavam “exploradores” que ofereciam “aos míseros um pedaço de pão em troca dos mais sagrados sentimentos de honra e dignidade”. (CASTRO, 2012, p.100).

Em Cabo Verde, no período de 1940-1950 o país sofreu com o problema da seca e os caboverdianos tinham a necessidade de se deslocarem para São Tomé e Príncipe em busca de trabalho para o sustento e a sobrevivência, embora o cacau slave e diversas outras explorações dos contratados que muitas vezes não retornavam aos seus lares findo o tal período. :

Nas narrativas de Nha Ninha, contratada na década de 1940 para a roça de Agostinho Neto – São Tomé e, doutras pessoas cabo-verdianas em situação de contrato, Cabo Verde no período de 1940-1950 encontrava-se devastado pelos ciclos de fome, seca precedentes e pelas mortes, pelo que contratar-se para São Tomé e Príncipe desenhava-se no horizonte como a “única” possibilidade de se procurar um projeto de vida. Quotidianamente, quer entre os/as cabo-verdianos/as vindos/as na condição de contratados/as, quer naqueles/as que partilharam a experiência, a categoria “santa praça” (em crioulo cabo-verdiano) é usada para descrever a migração para São Tomé e Príncipe, além de sinalizar de que forma as crises, as fomes e as dimensões de desespero promoveram a mobilidade para as roças santomenses. Os rearranjos e a produção de sentidos sobre esta migração operavam com recurso a um trabalho semelhante ou equivalente a um movimento de alistamento para São Tomé e Príncipe, visto que, assentar praça ou alistar para a vida militar, ecoava naqueles que migraram ou não, instantes de fabulação, criação e de alocação deste quotidiano, num imaginário de dureza da vida militar e numa experiência de desterro. (SEMEDO, 2020, p. 88).

Por sua vez, a chuva era um símbolo de esperança e vida, para os cearenses de Quixadá e para os caboverdianos, que tiveram que deixar suas terras acreditando que estariam se livrando da fome e da miséria, mas que infelizmente se depararam com situação de vida difícil e desumana. Assim, apresentar características climáticas de Brasil e Cabo Verde não fomentam a justificativa da ação de migração para a busca de sobrevivência. A seca vai muito mais além do que uma catástrofe natural, está diretamente relacionada às políticas públicas de precauções para a população menos favorecida. Amparo que já deve está incluso no planejamento dos gestores públicos para caso venha acontecer já se tenha como agir de forma satisfatória e oferecer assim, apoio de forma justa para todos que precisam.

No trecho a seguir é possível refletir que a seca transpassa uma situação apenas do meio ambiente, ou seja, insere outras questões que trazem prejuízo éticos e morais sobretudo:

Mais do que um problema geográfico-hidrológico, a seca é para nós um problema de cunho político. As verbas destinadas para saná-la, desviadas para contas bancárias de terceiros, evidenciam o desmando que sempre caracterizou nossa região o mais berço da corrupção... (CÂMARA, SOUTULLO, 2015, p.117).

Em uma pequena passagem da obra *O Quinze*, o personagem Chico Bento exprime um exemplo de corrupção, no momento que vai à procura de comprar as passagens para ir embora com a família:

“Anda vendendo as passagens a quem der mais”.

(...)-Como se foi Chico? Trouxe o dinheiro e as passagens?

-Que passagens? Tem de ser tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos.”

(QUEIROZ, 2008, p.40-41).

O inconformismo caracterizado pelo vaqueiro Chico Bento nesta passagem do texto, faz uma menção à desigualdade social, entre os mais e o menos favorecidos, que o personagem associa até mesmo à divindade (Deus). Na hora do desespero a fé se torna ameaçada, o vaqueiro sente o desprezo não somente dos seres humanos que poderiam ajudá-lo, mas sente-se desprezado por Deus também. Assim, a representação de situações limítrofes de sobrevivência, o desamparo e descuido à população são elementos notados em escritores caboverdianos e era uma tônica em textos de colaboradores na revista *Claridade* e no *Suplemento Cultural de Cabo Verde*, periódicos que pautavam questões da identidade caboverdiana, articulavam discussões geográficas e econômicas, versavam sobre o uso do crioulo como ferramenta necessária de apossamento de si e de seu lugar.

A temática da dor de partir e diga-se assim “deixar tudo para trás”, causando uma desesperança tomada de tristeza e inconformismo, que muitas vezes se misturava ao sentimento de covardia, aconteceu de fato, e o insulamento e a necessidade de sobreviver física e culturalmente traziam o real também aliado ao processo escritural-literário, numa produção de textos de criação de escritores envolvidos em um projeto estético-ideológico de conhecimento e reconhecimento de si e de suas gentes, aliados à denúncias ou protestos velados a um controlo de cunho colonizador. Nesse sentido, sobre o entendimento do lócus caboverdiano,

A colonização portuguesa a sua exploração desenfreada não melhorou em nada a situação das ilhas, continuamente assoladas pela seca, sem utilização de técnicas da prática agrícola, tampouco foram criadas condições de base para produção industrial. Neste processo, percebia-se o fomento à condição diaspórica e, sob o traço do ficar ou do partir, os poetas que optavam por esse último ficavam na mente com o sentimento de culpa por ter abandonado

os seus e a sua terra e, mais ainda, aquilo que o identificava. (FERREIRA, 2016, p.155).

No trecho, é possível vislumbrar o desamparo aos caboverdianos. A situação vivida pelos mesmos entre deixar a sua terra para não se deparar com a morte, mas assim ser interpretado como covarde pela ação do possível abandono. No artigo de Freitas (2019), onde o mesmo faz análise sobre a obra de Manuel Lopes *Os flagelados do vento leste*. Freitas transcreve sobre a questão também da seca: “resistindo às intempéries da seca que podem levá-las à morte” (FREITAS, 2019, p.22). Isso mostra a questão de querer permanecer na terra e assim morrer, ou mesmo com o sentimento de apego à terra partir por extrema necessidade e sobreviver.

Na seca de 1915, campos de concentração foram implantados, onde o poder público e empresas instalavam famílias, para as construções das barragens e o trabalho era em troca de “moradia” e pão. Porém eram péssimas as condições de habitação e comida, como se pode conferir:

O abarracamento da capital, na seca de 1915, chamados pelos poderes públicos de campo de concentração, era uma opção, mas o cotidiano de abarracamentos também já era conhecido de muitos sertanejos. O campo de concentração do Alagadiço, de acordo com o farmacêutico Rodolfo Teófilo, era de “um quadrilátero de quinhentos metros” onde foram “encurralados sete mil retirantes”. Acobertados em geral por cajueiros, o campo apresentava uma péssima salubridade. A má alimentação existente era insuficiente. A carne de boi de origem ruim era fervida “em dúzias de latas de querosenes”. Doenças proliferavam e muitos faleceram. (CASTRO, 2012, p.102).

Graciliano Ramos, aqui já citado, descreve, na plêiade do histórico literário nos moldes neorrealistas, tal como Queiroz se insere, situações sobre a época de seca, relata, assim como Aguinaldo Fonseca, claro em suas especificidades, sobre fé, a difícil resistência no ato de partir, e diante do cenário narrativo também descreve sobre as denúncias sociais e o espaço geográfico:

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beijos, rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a cantiga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se tocam,

negros torrados. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia pedindo a Deus um milagre. Mas quando a fazenda se despovoou, viu que estava tudo perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. (RAMOS, 2022, p.113).

As dificuldades de vida no período vivenciado pela seca dão a impressão que é um filme real que se passa em câmera lenta, onde a esperança é alimentada no nascer do sol, mas à espera da chuva. Esta espera faz a família observar tudo ao redor se deteriorar; a vegetação verde que se torna cinza, a vida dos bichos que ao poucos é consumida pela morte e o fim se transforma em uma jornada inicial de despedida e tristeza de ter que partir, em um mundo cíclico e desesperançoso, embora o pé na estrada represente a busca de tempos melhores.

A terra se torna um instrumento valioso e sendo estéril transmite aos habitantes a expectativa que tudo venha mudar se tornando fértil, mesmo diante da desesperança, acreditando no possível milagre da chegada da chuva, como sinônimo de vida. Em um poema de Aguinaldo Fonseca intitulado de “Terra morta” o autor faz uso de vários adjetivos para categorizar o título do poema. “Terra estéril” é uma expressão usada pelo poeta para demonstrar a aspereza em que as mãos vazias nada podem colher em uma terra que não dá frutos:

“Os meus irmãos, na terra estéril,
seguem aos tomboms pela vida fora,
tonto de solenidade, fartos de vento
e sobre o mar
Nas claras noites de lua cheia
boiam quimeras
de verdes prados e extensos bosques.

Os meus irmãos, na terra triste
(o mar de volta
o céu por cima)
Arrastam longas canções de bruma
que sobrem no ar buscando céus
e depois caem de asas fechadas
desamparados.
Os meus irmãos, na terra morta
exposta ao vento, ao Sol, às aves
olham o mar,
olham as nuvens...

Ficam à espera
de mãos vazias.”

(FONSECA, 1959, p.26).

“Desamparados”; este vocábulo faz alusão à ausência de assistências que as políticas públicas poderiam realizar para ofertar amparo aos desprotegidos daquela situação. Nota-se que o eu-lírico demonstra também a identidade ao utilizar a expressão “ meus irmãos”, como sentimento de fraternidade e nacionalidade. Esta terra impossibilita geograficamente de oferecer sustento:

O título do poema anteriormente transcrito aparece em parte do primeiro verso da última estrofe-“Os meus irmãos, na terra morta”-, o que ratifica a atmosfera imperiosa das impossibilidades do homem diante da condição geográfica a que está preso, Portanto, condensa-se no texto poético a imagem do povo como expectador de uma natureza que assola e a falta de perspectiva da condição do ilheu à volta do mar: “ Os meus irmãos , na terra morta/exposta ao vento, ao sol, às aves/ olham o mar, olham as nuvens...(FERREIRA, 2017, p 93-94).

Embora Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca tenham utilizado em suas escritas o supra-real e a realidade posta, o real e o ilusório, é notório historicamente, tanto pelas descrições nas narrativas literárias quanto pelas informações nos compêndios históricos, sociológicos, políticos que houve sim uma realidade cruel em Brasil e em Cabo Verde *versus* os retirantes que se obrigaram a sair do seu espaço para sobreviver às armadilhas não somente da natureza, mas da falta de compromisso do poder público em oferecer dignamente ajuda adequada.

4 A EXPRESSIVIDADE LITERÁRIA DE RACHEL DE QUEIROZ E AGUINALDO FONSECA SOBRE A PROBLEMÁTICA SOCIAL NO PAPEL DE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO

O neorrealismo observado tanto na obra de Rachel de Queiroz como na obra de Aguinaldo Fonseca demonstra o fortalecimento de uma expressão cultural através da escrita. A expressividade literária de ambos os escritores aqui estudados representa muito mais do que uma obra publicada, mas sim, a voz culminante de um movimento sociocultural alinhada aos papéis de vivências reais.

Falar sobre a seca, a migração, a diáspora, a miséria, o desespero, o descaso e a fome como repertório temático em obras literárias indicam protagonizar e politizar, na seara da literatura engajada, matéria de refletir e transmutar as realidades postas, mas com a sensibilidade que a linguagem e os fatores estéticos possibilitam nesse processo de perscrutar o sofrimento, as agruras e o movimento humano na dor universal. Assim, Queiroz e Fonseca trazem por meio do uso de suas palavras, trajetórias humanas vivenciadas tanto no real ou imaginário, mas que ressaltam acontecimentos que teceram e contribuíram para a construção da história dos seus respectivos países.

Consideravelmente tanto na obra *O Quinze* como em *Linha do Horizonte*, há o que se pode afirmar vivências dos próprios autores, como podemos identificar os comentários em dois artigos distintos, o primeiro relacionando-se a Rachel de Queiroz e o segundo a Aguinaldo Fonseca:

Uma característica da autora é compor um narrador que não se desvia das experiências do contexto, das raízes, visto que a temática se apresenta voltada para a região do Ceará. (ANDRADE, 2014).

A compleição geográfica de cabo verde, como dez ilhas principais e diversas ilhotas vulcânicas, além de ter favorecido a condição de entreposto comercial e de aprovisionamento, permitiria o traço que fincou como identitário, referente inclusive a tessitura literária, na busca da construção da nacionalidade: o decantado insulamento do ilhéu e o “fantasma da partida” como condição de sobrevivência pelo processo climático com a recorrente seca que assolava ainda mais os habitantes com a fome. (FERREIRA, 2016, p.153).

O sentimento de apego à terra é também a representatividade de uma identidade nacional, social e cultural, por isso é tão difícil deixar o chão que representa histórias de um povo, particularizado ou de uma nação inteira, a partida é sempre dolorosa principalmente no se refere algo indesejado, e o que impõe a situação da seca é tornar retirantes aqueles que precisam literalmente e metaforicamente navegar ou andar para viver, como se pode observar nos versos a seguir:

(...)Nossos desejos são asas que se elevam
Cruzando o céu da vida em voo largo...
Mas nunca chegam, nunca param
Enquanto corre o sangue, a vida cresce e rola.

O fim do sonho é o começo doutro,
Cada horizonte outro horizonte aponta
E uma esperança morta outra esperança aquece...

Há magias, alegrias, desesperos...
E a gente, insatisfeita,
Enquanto ri ou chora ou canta ou fica triste
Vai nascendo, morrendo e renascendo,
Cada dia, cada hora, cada instante,
Noutra vida, noutro sonho, noutra esperança.” (FONSECA, 2014, p. 7-8)

O sangue apresentando no poema pode estar relacionado aos diversos tipos de sofrimentos vivenciados no contexto do descaso social, e mesmo assim a vida continua, embora os sentimentos contraditórios como desespero e as lembranças históricas das dores de seu povo. Em “Magia Negra”, a recuperação das memórias traumáticas dos antepassados e o vislumbre de mudanças de estereótipos: “*Da África dos meus Avós, / Do coração desta noite, / Ferido, sangrando ainda / Entre suores e chicotes. / (...) E o negro dorme / sonhando ser Santo um dia*” (FONSECA, 1951, p. 70).

Além de toda situação diante dos problemas apresentados com a chegada da seca, a migração, ainda houve também um oportunismo de exploração sobre os menos favorecidos, que queriam algo em troca de vida e pão, e na literatura de Agualdo Fonseca é possível perceber falas sobre o tema, mas também sobre esperança e a figura do ser e a importância de escrever sobre a identidade nacional:

Com o referido fim do tráfico de escravos e abolição da escravatura, há uma aceitação do homem cabo verdiano como tal no que diz respeito a já se pensar o sentido identitário e que se firmará na luta colonial, rumo à independência. Percebe-se que as marcas temáticas de uma literatura escrita no século XX em Cabo Verde enveredarão por aquele sentido. É nesse processo que observamos como os intelectuais, mas especificamente neste estudo o poeta Agualdo Fonseca, um desterrado a sua própria terra, privilegiam o reconhecimento identitário como resistência à exploração física e de ideais impostas pelo colonizador. (FERREIRA, 2016, p.153).

Para configurar ainda mais este papel de fortalecimento da identidade nacional sertaneja, Rachel de Queiroz enfatiza lembrar em sua obra a imagem do homem sertanejo como figura representante da região em que a mesma viveu, como mostra Andrade (2014):

Rachel de Queiroz em sua obra *O Quinze* (1930), caracteriza a figura do homem nordestino delineando as suas particularidades e que por causa da seca ver-se desventurado e insuscetível na sua terra natal. Retrata as figuras

dos inocentes que nascem com o destino traçado a viver no sofrimento, presos a uma realidade infeliz e aborda o pesar que a seca causa no corpo, na alma e posteriormente no futuro do ser humano, o homem que tem seu corpo afligido pelos maus tratos da seca e as crianças em estado de calamidade humana.

Entre semelhanças e diferenças observadas, é importante salientar que as problemáticas referidas nas duas obras aqui em análise se passam em períodos diferentes, e países distintos (Brasil e Cabo Verde), mas nos proporcionam a reflexão que estes países são de Língua Portuguesa e levam em seu contexto histórico uma herança da dominação colonial, para além-mar da geografia natural e afetiva, as searas das violências circunscritas nos sem-vontades de políticas que dirimissem as problemáticas tratadas. Essa herança pode ter uma possível relação na maneira como o poder político reage e conduz desumanamente no atendimento à população carente sofrida pela seca. “O sentimento de apego à terra (...), gera profundo sentimento topofílico nos personagens”. (FREITAS, 2019, p.25). A topofilia marcante tanto na Obra de Rachel de Queiroz como na de Aguinaldo Fonseca mostra o forte senso de lugar, que vai além de uma despedida dolorosa por deixar seu local de moradia, mas de se despedir sem descaracterizar o algo identitário, histórico e cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de suas produções artísticas literárias, Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca buscaram romper barreiras no contexto da escrita ao transformar seu trabalho em voz declarativa, trazendo a expressividade direta e indireta ao retratar a situação da seca, consequentemente a migração em resultado do descaso político. As vítimas desta situação social, de forma poética e criativa, aparecem tanto em formato de romance, como de poema, com os autores contemplados nesse trabalho expressando uma denúncia social.

Compreende-se que alguns objetivos importantes estão visíveis, mas também em permeio e em camadas profundas como palimpsesto nas obras *O Quinze* e *Linha do Horizonte*, dentre eles o ato de repensar narrativas sobre si e sobre seus espaços em um viés dialético, do concreto para o particular e vice-versa, como a situação histórica que realmente foi vivenciada tanto em Brasil, quanto em Cabo Verde. Reler as situações postas na matéria literária e transpor para novos horizontes, como deixa entrever o próprio Aguinaldo Fonseca no título e no teor de seu livro. Uma linha possível no horizonte a se alcançar, seja a pé, seja a

barco, mas a travessia dos trânsitos que se aglutinam com identidades similares e se entendem nesse percurso de terras ressequidas.

Evidencia-se que outras obras brasileiras e caboverdianas, tenham também a semelhança na temática destas aqui estudadas, e que possam se adensar a uma continuidade futura deste atual trabalho. Acredita-se que a realização desta pesquisa possa contribuir para futuras pesquisas no campo literário, trazendo informações sobre temários coincidentes em obras literários de brasileiros e de autores de países africanos, no viés de um estudo comparativo, manejo não tão fácil, mas possível de ser articulado.

Entre as terras ressequidas acentuadas neste artigo, Brasil e Cabo Verde são países que refletiram problemas similares: a seca, aqui retratada, e foram representados historicamente através da arte literária, consolidando questões sociais ligadas ao espaço geográfico. Assim, refletimos sobre a topofilia e a problemática do descaso vivido pelos povos necessitados.

Assim, a literatura do engajamento proporciona articular fatores históricos e sociais, elementos estes evidenciados em Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca porque suas obras são indicativos de painéis contextualizadores da situação da seca e o legado atroz deixado pela mesma. Realidades consideradas cruas são muitas vezes descritas em narrativas literárias ou por artifícios poéticos para que se tornem vivas e permanentes mediante conhecimento de trajetórias cá e além-mar sobre aqueles que teceram a história de um país através de suas lutas.

Deste modo, Rachel de Queiroz e Aguinaldo Fonseca, ao levantarem a poeira de suas terras áridas, ao invés de criarem uma nuvem de poeira embaçando a visão do porvir, na verdade descortinam sensibilidades do cotidiano pobre e massacrado. Ou seja, com uma linguagem simples e límpida contrastante com o nefasto, os escritores revelam signos de uma vida diaspórica, de trânsitos ininterruptos da busca da seiva da esperança de dias possíveis de ir além da busca da sobrevivência, a qual a fome e a miséria seriam apenas uma referência longínqua do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Biografia**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 11 dez. 2022.

ANDRADE, J. T. **Aspectos políticos e sociais em O Quinze de Rachel de Queiroz: uma análise representativa sobre o personagem Chico Bento**. 2014. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/6788>. Acesso em: 11 dez. 2022.

CÂMARA, Y. R.; CÂMARA, Y. M. R.; SOUTULLO, M. R. O Quinze: revisitando a importância de Rachel de Queiroz para a cultura cearense, a literatura brasileira e o feminismo no Brasil do século XX. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano 5, n. 6, p. 116-130, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23399>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CAPUTO, S. G. A poesia de Cabo Verde. *In*: GOMES, S. P. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. Cotia; São Paulo: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008, p. 133.

CASTRO, L. As retiradas para os campos de açudagem na seca “Do Quinze”. **Revista Historiar**, ano II, n. I, p. 96-101, 2020. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/20/15>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CLARIDADE. N. 8. Maio de 1958. Cabo Verde. **Editor: Joaquim Tolentino**. Acesso em: 13 dez. 2022.

COELHO, N. N. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras. Acesso em: 15 dez. 2022.

FERREIRA, M. V. Evocações da terra e do drama africano na produção poética do caboverdiano Aguinaldo Fonseca. *In*: TOPA, F. (Org.). **40 anos de literaturas africanas na FLUP: Da preia à baixa-mar?** Porto: Sombra pela cintura, 2017, p. 91-105.

FERREIRA, Monalisa Valente. **Cultura e Educação-Reflexões**. *In*: Dirce Zan, Fernando Moreira, Odair M. Silva, Orquídea Ribeiro. Vila Real 2016.

FERREIRA, M. C. De Coração em África: A negritude poética de Francisco José Tenreiro. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 1-19, jan/jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/20591>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FONSECA, A. Terra Morta. *In*: **Mensagem**: Boletim dos Estudantes da Casa do Império. Ano II. Nº 3, Abril 1959, p. 26.

FONSECA, A. **Linha do Horizonte**. Poesia. Lisboa: UCCLA, 2014, [1951].

FREITAS, L. O. Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em “Os flagelados do Vento Leste” / Manuel Lopes and the perception of the space of drought in “Os flagelados do vento leste”. **Geograficidade**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 22-36, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/28975>. Acesso em: 20 jan. 2023.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Rachel e o golpe**. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/rachel-e-o-golpe>. Acesso em: 20 jan. 2023.

LABAN, M. **Cabo Verde: encontro com escritores**. Vol. 2. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1992.

MARTINS, B.; REBELO, F. Erosão e paisagem em São Vicente e Santo Antão (Cabo Verde): O risco de desertificação. **Territorium**, Coimbra, n. 16, p. 69-78, 2009. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/territorium/article/view/1647-7723_16_7. Acesso em: 20 jan. 2023.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cameron, 2018.

RAMALHO, M. F. J. L. A fragilidade ambiental do Nordeste brasileiro: O clima semiárido e as imprevisões das grandes estiagens. **Sociedade e Território**, Natal, v. 25, n. 2, Edição Especial, p. 104-115, jul./dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Downloads/silvestre,+A+fragilidade+ambiental+do+Nordeste+brasileiro+104-115-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 155 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SEMEDO, C. I. C. A experiência migratória de cabo-verdianos para as roças de São Tomé e Príncipe: pesquisa de campo. **População e Sociedade**, Porto, v. 34, p. 87-106, dez. 2020. Disponível em: https://www.cepese.pt/portal/pt/populacao-e-sociedade/edicoes/populacao-e-sociedade-n-o-34/a-experiencia-migratoria-de-cabo-verdianos-para-as-rocas-de-sao-tome-e-principe-pesquisa-de-campo/pdf-a-experiencia-migratoria-de-cabo-verdianos-para-as-rocas-de-sao-tome-e-principe-pesquisa-de-campo/@@display-file/file/Revista%2034_Artigo%207.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.